

"Sempre fui mulher": o tratamento dado pela telenovela *Elas por Elas* da Rede Globo para a transgeneridade de Renée¹

Johany Harihadny Cristovam Medeiros²

César Melo de Freitas Filho³

Diego Gouveia Moreira⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Em 2023, a Rede Globo anunciou a primeira telenovela com uma protagonista transgênera. *Elas por Elas* conta a história de sete mulheres e Renée, uma mulher trans, pertence ao grupo de amigas que se reencontra depois de 25 anos sem contato. Para este resumo expandido, pretende-se analisar o tratamento dado pela novela acerca da transgeneridade. Para isso, além de uma revisão bibliográfica sobre teoria *queer* e telenovela, os capítulos, acompanhados em diários de observação, foram decupados nas cenas em que o tema era discutido. Por fim, apesar do papel de protagonismo, a discussão em torno da transgeneridade de Renée ocupou pouco espaço na trama.

PALAVRAS-CHAVE

Telenovela; *Elas por Elas*; Tecnologia de Gênero; Gênero e Sexualidade; Transgeneridade.

1 Introdução

A TV brasileira aberta está presente em 96,4% dos domicílios brasileiros e aparece como a de maior penetração no total dos habitantes, alcançando 88% dos brasileiros (Mídia Dados, 2020). Esses dados mostram o impacto que a TV tem para pautar a sociedade. Diante disso, é imprescindível lembrar que os canais de televisão são concessões públicas e devem seguir as orientações da Constituição Brasileira que determina: "a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas" (Brasil, 1988). Dessa forma, a televisão tem um papel fundamental na educação da população. Ao agendar discussões, tem a oportunidade de estabelecer formas de se entender a realidade e também determinar modos de ser, ver e viver.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Televisão e Televisualidades, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista Pibic da UFPE. E-mail: johany.medeiros@ufpe.br

³ Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista CNPq Projeto Humanidades da Rede Obitel. E-mail: cesar.freitas@ufpe.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: diego.moreira@ufpe.br

A mídia opera, conforme Fischer (2002), na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem”. A autora continua:

Entendo que a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (Fischer, 2002).

As emissoras de TV também atuam como um dispositivo produtor de compreensões sobre a realidade, incluindo questões de gênero e sexualidade. Teresa de Lauretis (1994) diz que a mídia atua como uma tecnologia de gênero e, para ela,

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e "implantar" representações de gênero (p. 228).

Os meios de comunicação contribuem, assim, para os entendimentos que as pessoas vão ter em relação a gênero e sexualidade. Não foi apenas mais recentemente, no entanto, que esse assunto passou a ocupar a agenda midiática. Os programas policiais ou sobre excentricidades de TV, ao falarem de pessoas transgêneras, em situação de conflito com a lei, tematizam o assunto de forma agressiva e utilizam linguagem depreciativa para enunciar esse grupo social (Hartmann, 2014; Oliveira, 2018). As telenovelas e os humorísticos tematizam o assunto com deboche e discriminação. Predomina, assim, o aspecto desumanizador, que ridiculariza as pessoas trans (Ribeiro, 2010).

Não se notava na TV um avanço no debate social em relação ao assunto. Duas condições estimularam uma mudança no tratamento dado pela mídia ao tema: a ampliação e a maior visibilidade de movimentos sociais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Questionando, Intersex, Assexuais, Arromânticas, Agêneras, Pansexuais, Polisssexuais, Não binárias e mais (LGBTQIAPN+) e a necessidade de as emissoras comerciais serem vistas como socialmente responsáveis a partir de uma estratégia de marca para o mercado.

Nesse contexto, percebe-se a partir de 2012, um movimento para abordar gênero e sexualidade em produções do grupo Globo, maior indústria televisiva brasileira com maior cobertura e número de telespectadores (Mídia Dados, 2020), sob pontos de vista

diferentes, incluindo a educação para o tema e apontamentos sobre direitos LGBTQIAP+. As ficções seriadas que tematizaram a transgeneridade a partir desses preceitos foram *Salve Jorge* (2012), *A Força do Querer* (2017), *Malhação* (2018), *Bom Sucesso* (2019), *A Dona do Pedaço* (2019), *Segunda Chamada* (2019), *Terra e Paixão* (2023), *Elas por Elas* (2023) e *Renascer* (2024).

O projeto de pesquisa surgiu a partir do olhar lançado pela TV Globo para a transgeneridade. Pela primeira vez, uma atriz transgênera foi protagonista de uma telenovela. Maria Clara Spinelli interpretou René na novela das seis *Elas por Elas*, que estreou em outubro de 2023 e terminou em março de 2024. Esta pesquisa problematiza: qual o tratamento dado para a transgeneridade a partir da telenovela *Elas por Elas*?

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre gênero e sexualidade a partir de Lauretis (1994). A novela foi acompanhada em diários de observação com decupagem das cenas em que a temática foi discutida. A pesquisa realizada é qualitativa, uma vez que a telenovela será analisada a partir dos dados coletados e descritos nos diários de observação. O trabalho também possui natureza descritiva, uma vez que estes correspondem a diários de campo, utilizados como ferramenta de sistematização dos dados para sua posterior análise. Os diários são compostos pela transcrição das falas dos personagens.

2 Fundamentação Teórica

Em seus estudos, a autora Teresa de Lauretis (1994) afirma que diferentes tecnologias sociais produzem o que se entende por gênero. Assim, de acordo com ela, a construção do gênero acontece na mídia, nas escolas, nos tribunais, na família. O interesse da pesquisadora é compreender não apenas o modo pelo qual a representação de gênero é construída na tecnologia, mas também como ela é subjetivamente absorvida por cada pessoa a que se dirige.

É o caso dos meios de comunicação que operam regendo seu público e promovendo processos de subjetivação. Assim, os espaços de mídia são lugares de formação, assim como escola, família e instituições religiosas. Dessa forma, a TV também tem participação decisiva na formação das pessoas.

Agora, interessa a este resumo apontar as cenas em que aspectos da transgeneridade foram abordados pela novela e também mostrar como foi o tratamento

dado por *Elas por Elas* a partir do texto das primeiras cenas em que a discussão foi suscitada.

3 Transgeneridade em *Elas por Elas*

Ao longo de toda pesquisa e acompanhamento da telenovela, constatou-se que a personagem Renée Venturini, vivida por Maria Clara Spinelli, apareceu em 144 de 156 capítulos no total⁵. Até então, ela tem pouco tempo de tela em comparação com personagens secundários e em relação às outras protagonistas. Dos 12 episódios em que ela não apareceu, ela foi citada rapidamente apenas em dois.

A telenovela, logo nos capítulos iniciais, apresentou questões sobre a transgeneridade da personagem, sem aprofundamento e também gerou algumas cenas para abordar o uso de pronomes adequados e a transfobia. Mas, com o passar do tempo, parou de discutir sobre transgeneridade, embora tenha discutido a partir da personagem a questão da maternidade socioafetiva.

Quadro 1 - Recorrências Enunciativas e Capítulos

Abordagem sobre transgeneridade	Capítulos
Processo de transição	2, 4 e 10
Uso do pronome adequado	2 e 4
Transfobia	10, 14, 15, 22
Maternidade Socioafetiva	71, 75, 88, 94, 95, 97, 104, 105, 106, 107, 108, 154

Fonte: Os autores.

Este resumo traz, como explicado anteriormente, as primeiras vezes em que os temas foram discutidos na novela. No capítulo 2, por exemplo, a personagem aparece pela primeira vez em cena e fala sobre a transgeneridade.

Taís: Na verdade, o Renée não existe mais.

Renée: Eu sou a Renée, meninas. Hoje, finalmente, eu posso ser quem eu sempre fui. De verdade.

Lara: [...] me conta como isso aconteceu, quando isso aconteceu.

Renée: Quando? A minha transição? Ah, faz mais de vinte anos, Lara. E tive apoio de toda a minha família. A minha mãe, a minha irmã Érica. E hoje eu tenho apoio do meu marido e dos meus filhos.

Natália: E que surpresa, né? Porque eu sabia que você era gay, agora, virar mulher, né?

Taís: Poxa, Natália.

Renée: Eu não virei mulher, Natália. *Sempre fui mulher.*

⁵ Foram contabilizadas as cenas até o dia 25 de março de 2024, antes do final da telenovela.

Nesta cena, a personagem se apresenta como uma mulher transgênera e diz a frase que intitula este trabalho. No mesmo capítulo, há uma discussão sobre o uso do pronome adequado.

Érica: É? Pra nós três, porque a Renée vai sair com as amigas e vai ficar tarde pra ela ir embora.

Edu: Peraí, tá de sacanagem... Não, não. *O seu irmão* vai dormir aqui hoje?

Érica: Irmã. Minha irmã.

Edu: Tá, desculpe. Irmã. Desculpa. Só que eu não consigo entender, amor.

A transfobia aparece a primeira vez no décimo capítulo, na seguinte cena:

Homem: Fala, Tony!

Tony: Opa!

Homem: Já soube que aconteceu, hein? Seu pai, hein...

Tony: Cê ficou sabendo, cara? Doideira. De onde menos se espera, de onde não sai nada mesmo, né? Pra tu vê.

Homem: Verdade. Mas não deve ser fácil pra ele não, né? Casar com uma pessoa assim, né, *nem mulher ela é*.

Tony, que é filho de René, reage e discute com o cliente. A maternidade socioafetiva é abordada pela primeira vez a partir do capítulo 71, quando a Renée é presa por tentar sair do estado com a filha Victória, impedida pela mãe biológica da adolescente.

Lara: Você é sempre tão maravilhosa, né? Mas olha, quando você for solta, a gente vai entrar com uma ação de maternidade socioafetiva, a gente vai requerer a guarda da Vic.

Renée: Você acha que eu tenho chance, Lara?

Lara: Claro que você tem. Você é a mãe da Vic e a gente vai mostrar isso pro juiz. Eu prometo pra você, Renée, que eu vou fazer o impossível pra isso acontecer.

Mesmo perdendo a guarda da filha, que ela criou desde os dois anos de idade, a justiça reconhece, no capítulo 107, a maternidade socioafetiva de Renée.

4 Considerações Finais

Quando prometeu ao público trazer a primeira protagonista transgênera da telenovela brasileira, *Elas por Elas* gerou uma expectativa, que acabou frustrada diante da abordagem vista na trama até o momento que este resumo acompanhou. Entende-se que é necessário haver múltiplas abordagens da questão da transgeneridade, inclusive a que trata apenas de acordo com o gênero que a pessoa se identifica, sem discutir o processo de transição.

No entanto, como visto, anteriormente, ao silenciar essa discussão, ou discutir pouco, em comparação com outros temas abordado, Elas por Elas atua como uma tecnologia de gênero, que não se apropria do espaço de produção para aprofundar uma discussão social importante, que poderia contribuir para humanização de pessoas transgêneras.

Este resumo traz as primeiras reflexões e serão aprofundadas, com o término da telenovela, e a possibilidade de escrita de outro trabalho com uma análise mais aprofundada. Por ora, interessou mapear as discussões propostas pela trama e em quais momentos elas aparecem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 28, n. 1, jan/jun, 2002. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100011&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 16 nov. 2020.

HARTMANN, Jeniffer Morel. **Identidades trans em pauta**: Representações sociais de transexuais e travestis no telejornalismo policial brasileiro contemporâneo. 70 f. Monografia (Curso de Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30402937.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2020.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MÍDIA DADOS BRASIL, 2020. Para todxs. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, 2020. Disponível em: <https://midiadados2020.com.br/midia-dados-2020.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Caldas. **Viver e morrer travesti no jornalismo policial**: uma análise da desconstrução da identidade trans em portais paraibanos. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15012/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2020.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário**: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010.